

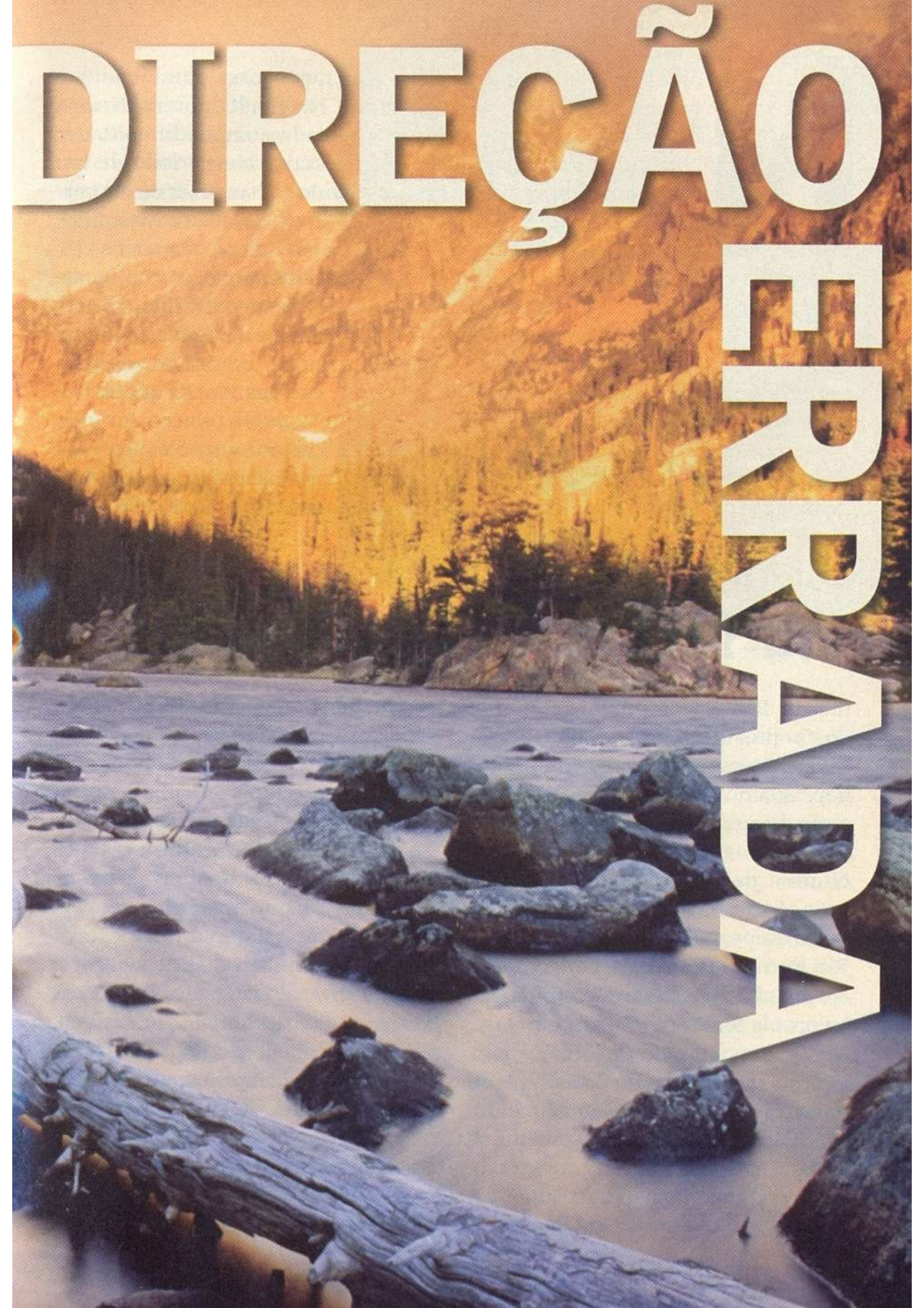
NA

Jamais alguém perdido por mais de cinco dias havia sido encontrado com vida nessa região inóspita. Para mãe e filha, o sétimo dia estava amanhecendo.

POR PETER MICHELMORE

DIREÇÃO

ERRADA



NORMA SUPER largou a mochila no chão da floresta de pinheiros. “Algo está errado”, ela comentou com a filha Dani, de 10 anos. Era uma tarde de feriado, o terceiro dia da caminhada pelas montanhas que se estendem na divisa entre o Colorado e o Wyoming. Vestindo calça cáqui, colete de pescaria, casaco e botas, elas estavam preparadas para enfrentar dificuldades.

Norma sabia que já deveriam ter chegado ao fim da trilha. Pegou um mapa e percorreu com o dedo a Tri-

vada em numerosas caminhadas e pescarias. No fundo, porém, Norma estava abalada com as dificuldades que atravessava. No período de um ano, o marido a abandonara e ela perdera dois empregos. Adorava a filha, mas estava farta da raça humana.

Após decidirem que, se continuassem a marcha, encontrariam abrigo, Norma e Dani retomaram a caminhada – uma mulher esguia, de passadas vigorosas, carregando 30 quilos nas costas, e uma garota robusta, levando 13 quilos. Tinham uma barraca para duas pessoas, estacas, sacos de dormir, um cobertor metálico para aque-

Divorciada, desempregada – Norma se viu farta da raça humana.

lha do Rio Encampment. Nenhum dos pontos de referência lhe era familiar. Nesse momento, compreendeu. “Dani”, disse ela, “não estamos onde deveríamos.”

NORMA passara a maior parte de seus 44 anos percorrendo trilhas junto a rios que correm para o sul. O Rio Encampment corre para o norte. Na manhã de sábado, no início da trilha, ela tomara a direção errada.

– Vamos morrer de fome? – perguntou Dani comendo o restinho do macarrão, o que restara de alimento.

– Temos uma boa reserva aqui na floresta – disse Norma, rindo.

Dani também riu. Havia uma camaradagem natural entre elas, culti-

cer melhor, um estojo de primeiros socorros e varas de pescar. Levavam ainda fogareiro, panela e frigideira.

Após um tempo, a trilha estreita desapareceu. À esquerda, o rio agitado e ensurdecedor; à direita, a floresta. Através de brechas entre as árvores, podiam ver os picos cobertos de neve. A temperatura estava boa para caminhar, mas despencaria à noite. No solo barrento, Dani avistou pegadas de animal: um puma. Elas sacaram apitos do bolso e sopraram. Sons estridentes mantêm os animais a distância.

Às 10 HORAS de terça-feira, Jerry Colson, xerife do condado de Carbon, Wyoming, recebeu a ligação de Isa-

bella Washburn, que conversara com duas pessoas acampadas – mãe e filha – na manhã de sábado. Disseram que iam pegar a trilha do Rio Encampment, e voltar na segunda-feira. “Não há sinal delas”, contou a mulher. “Mas o carro ainda está aqui.”

Colson correu para o telefone. Com 24 anos de experiência, uma dúzia de possibilidades passou por sua mente: ataque de urso, afogamento, a mãe caindo de um penhasco. Ao anoitecer, grupos de busca tinham varrido os 24 quilômetros da trilha sem encontrar pistas.

O mesmo ocorreu na quarta-feira, quando helicópteros da Guarda Nacional e dois aviões sobrevoaram a região, e grupos de busca percorreram as trilhas a cavalo. Jamais alguém perdido havia mais de cinco dias tinha sido encontrado com vida.

NORMA SE SENTIA assustada, isolada do mundo. Já estavam sem comida havia dois dias. Adiante, um penhasco lhes bloqueava o caminho. Andou pela margem do rio até encontrar um amontoado de troncos caídos que atravessavam a água.

Para manter as botas secas, ela e Dani as amarraram e penduraram em volta do pescoço e conseguiram



Norma e Dani ainda amam a natureza e voltam às trilhas em todas as estações do ano.

cruzar para a outra margem. O rio estava cada vez mais violento, com corredeiras passando por cima das pedras. Ao encontrar uma lagoa de águas calmas, prenderam as iscas nas linhas de pesca e as lançaram da margem, mas não tiveram êxito.

O jantar foi água do rio purificada num filtro de cerâmica. Em minutos, montaram a barraca. Norma juntou os dois sacos de dormir e abraçou a filha com força. Não era só o frio. *Mamãe está com medo*, pensou Dani.

À ÚLTIMA LUZ da quarta-feira, um cão rastreador encontrou restos de maçã. Perto dali, o treinador que levava o cão avistou dois tipos de pe-

gadas de bota. Uma delas maior, sugerindo um adulto e uma criança. Quando Jerry Colson recebeu a notícia, ordenou que esquadrinhassem a região na quinta-feira. Esperava que não fosse tarde demais.

EXAMINANDO o horizonte com binóculos, Norma focalizou um pico escarpado. Tinha vegetação densa na encosta inferior e o topo coberto de neve. Ela calculou que estivessem em

se dois metros. O ruído das hélices martelava seus ouvidos enquanto ela esticava o cobertor com o lado prateado para cima. Dani agarrou uma ponta e Norma a outra, erguendo-o aberto sobre a cabeça no exato momento em que o aparelho militar verde trovejava acima delas. Mas o helicóptero seguiu seu curso.

Ao anoitecer, armaram a barraca em um declive e Norma fez uma pequena fogueira de sinalização com

O helicóptero militar trovejou acima delas... e seguiu seu curso.

torno de 2.400 metros de altitude, a uns 500 metros do cume.

- Temos de chegar lá em cima e tentar avistar um rancho ou uma estrada - disse a Dani.

- Mãe, será que alguém está nos procurando?

Ela respondeu que não deveriam contar com isso.

No início da tarde de quinta-feira, subiam pelo lado norte da montanha, atravessando um terreno traiçoeiro, com árvores caídas e pedras. A neve estava congelada em alguns pontos e bastante fofa em outros. Dani soltou um grito estridente ao afundar até a cintura em um buraco na neve.

No meio da encosta, subitamente ouviram algo. Norma levantou a cabeça. O som de um helicóptero se aproximando. "O cobertor!", gritou.

Soltando a mochila, Norma puxou o cobertor metálico térmico de qua-

gravetos, parafina e lascas de lenha de um *kit* próprio para acender fogo. Tremendo no vento frio e cortante, ela observou, desanimada, a fumaça ser sugada montanha abaixo pelas correntes de ar.

No dia seguinte, no topo da montanha, Dani se agachou numa rocha para se aquecer ao sol da tarde. Norma fez uma sondagem da região. Para qualquer direção que olhasse, via apenas as árvores das montanhas cobertas de florestas que se erguiam dos vales elevados. Nenhum sinal de seres humanos. Nada.

Como pudera expor a filha a tal perigo? O que fariam? Estava tonta e enjoada, mas sabia que tinha de tomar uma decisão. Tirou uma pequena bússola da mochila e a deu a Dani.

- Vamos seguir para o norte, para Wyoming - resolveu ela. - Sua tarefa é nos manter na direção certa.

COLSON SUSPENDEU a procura no Colorado e organizou uma busca final pela trilha para o sábado. Levaria três policiais e um treinador com dois cães farejadores, um dos quais treinado para encontrar restos mortais humanos.

Entretanto, a policial do Serviço Florestal Aleta Walker, 40 anos, tinha a sensação de que mãe e filha poderiam ainda estar vivas. Na sexta-feira, ela telefonou para sua amiga Diane Holycross. “Venha cavalgar comigo amanhã”, convidou Aleta. “Meu instinto diz que vamos encontrá-las.”

Na manhã seguinte, Aleta e Diane rumaram para o sul. Selaram os cavalos e, ao meio-dia, estavam na trilha. Cerca de duas horas mais tarde, chegaram a uma vasta extensão de terreno pantanoso. Isso não incomodou o cavalo de Aleta, mas o de Diane se recusou a continuar. As duas pararam para decidir se deveriam voltar ou procurar outro caminho. Enquanto conversavam, os cavalos levantaram as orelhas. Acompanhando o olhar deles em direção ao sul, Diane disse:

– Estou vendo um ponto. É um alce ou um urso?

Nesse momento, o ponto se dividiu em dois.

NORMA MOLHOU o rosto com a água gélida do córrego. Manchas negras

dançavam à frente de seus olhos. Recuperada da tonteira, caminhou com grande esforço até um prado salpicado de flores azuis e rosa.

“Estou vendo algo branco ali”, disse Dani, apontando para a frente. Elas continuaram a andar, observando. “Parece um cavalo.” Chegaram mais perto. Norma agora podia discernir dois cavalos. Duas pessoas a cavalo. Estimulada pela adrenalina, começou a correr pelo charco, a lama agarrando suas botas. A 30 metros, percebeu que eram mulheres.

– Você é Norma Super? – gritou uma delas.

Norma desmoronou. De joelhos, chorando, respondeu:

– Sim!

Do INÍCIO da trilha, Aleta pediu uma ambulância pelo rádio. Colson chegou em seguida. Um médico examinou Norma e Dani: esgotamento, desidratação, arranhões e hematomas. Norma perdera quase sete quilos e Dani, três. Mas estavam vivas.

Depois de agradecer a todos, iniciaram a viagem de carro de volta. Quando pegaram a estrada, Norma parou no acostamento, saiu do carro sob a chuva fria e olhou para as montanhas. A raiva se fora. Atrás dela, Dani abriu a janela do carro. “Ei, mãe, vamos embora!”, chamou.

UMA BOA CAUSA

No letreiro de uma clínica veterinária, em Oklahoma: “Cuidado com o cão. Com o gato, com o coelho, com os animais em geral.”

BILLIE JONES, EUA